

Neilza Alves Barreto

NO VENTRE DA CADEIA.

Um estudo sobre os projetos futuros de mulheres
encarceradas.

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica

Rio de Janeiro

Janeiro de 2006



Neilza Alves Barreto

NO VENTRE DA CADEIA.

Um estudo sobre os projetos futuros de mulheres encarceradas

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientação: Júnia de Vilhena

Rio de Janeiro
Janeiro de 2006



Neilza Alves Barreto

NO VENTRE DA CADEIA.

Um estudo sobre os projetos futuros de mulheres encarceradas

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Júnia de Vilhena

Orientadora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profa. Maria Inês Garcia F. Bittencourt

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profa. Maria Helena Rodrigues N. Zamora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profa. Magda Diniz Bezerra Dimenstaen

Centro de Ciências Humanas – UFRN

Profa. Marilene Rosa Nogueira da Silva

Departamento de História – UERJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 2006.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Neilza Alves Barreto

Graduou-se em Psicologia em abril de 1993 pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Iniciou sua prática profissional em creches da rede privada do Rio de Janeiro e de Niterói. Especializou-se em educação infantil no Departamento de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1995. Iniciou o Mestrado em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 2000. No Mestrado, desenvolveu pesquisa acerca da influência do discurso médico nos modos de subjetivação da mulher. Continuou o estudo acerca dos processos de subjetivação da mulher no doutorado (2002), desta vez, focando os presídios femininos do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é professora na rede privada de ensino superior do curso de psicologia. Supervisora de Estágio em Clínica e orientadora de monografia. Participa, enquanto pesquisadora, do Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades Sociais – LEDDES – do Programa de Pós-Graduação (Stricto-Sensu) em História da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Apresenta trabalhos em Congressos e Seminários na interface: mulher, processos de subjetivação e estudos da violência.

Ficha Catalográfica

Barreto, Neilza Alves

No ventre da cadeia. Um estudo sobre projetos futuros de mulheres encarceradas / Neilza Alves Barreto ; orientadora: Júnia de Vilhena. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2006.

194 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Presidiárias 3. Projetos Futuros . 4. Processo de Subjetivação. I. Vilhena, Júnia de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

As Bênçãos

Não tenho anatomia de uma garça pra receber
Em mim os perfumes do azul.
Mas eu recebo.
É uma bênção.
Às vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas me
Namoram mais de perto.
Fico enamorado.
É uma benção.
Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro
Para que se tornem peregrinos do chão.
Eles se tornam.
É uma benção.
Até alguém já chegou de me ver passar
A mão nos cabelos de Deus!
Eu só queria agradecer.

(Manoel de Barros)

A Junia de Vilhena pela presença constante e interlocução intelectual.

A Joana Novaes pela ajuda junto ao campo de pesquisa.

A Esther Arantes pelo carinho e acolhimento em momentos tão difíceis.

Ao Marco Antonio: companheiro querido a me libertar de minhas prisões internas: sem nossas “segundas-feiras” seria impossível a conclusão deste trabalho.

A Bianca, minha irmã, grande contribuidora para conclusão desta tese. Neste último ano dividimos, não só o mesmo teto, mas alguns projetos. Obrigada pela companhia e pela interlocução afetiva. Te amo!

A Beatriz pela interlocução dentro do grupo de pesquisa. Obrigada por ter visto aquilo que demorei a ver: as mulheres e seus filhos!

Ao Sergio Medeiros pela amizade e ternura explícita.

Ao grupo de pesquisa que, ao longo destes quatro anos recebeu e viu partir grandes pesquisadores. Mas entrando ou saindo, algumas pessoas foram fundamentais para a construção desta tese: Maria Vitória, Aline, Renata, Adriana

– a turma da antiga. E a turma de agora: Rochelle (terna amiga!), Lurdes (presença constante!) e Isadora (companheira de militância!). A todas vocês um obrigada do tamanho do mundo!!!!!!

A Renata, grande amiga, pelo carinho e papos infundáveis. Neste finalzinho da tese você tornou meus finais de semana menos solitários.

A Irene, Tininha e Alessandra pelas noites de lua cheia...

A minha amiga Érica Piedade: amiga de tantos anos e tão próxima em minha vida. Poucas pessoas têm o privilégio de ter amigas como você!

A Cecília Coimbra e José Novaes: “... se todos fossem iguais a você, que maravilha viver ...”.

Ao Marcelo Santana pelos anos que passam e pela amizade que permanece.

A amiga Sonia Pellegrini pela crença constante nos Direitos Humanos enquanto proposta de vida.

Ao casal de amigos Iracy e Otho: pelas atitudes afirmativas e genenosas, pelas prazerosas conversas nos bares de Santa Tereza, pelo carinho constante, pela amizade eterna.

As caronas de Decílio e Ithamar : preciosa ajuda em momentos em que o trabalho e a tese se associaram.

A Marise Ramôa e Henrique: pela presença constante e contínua em prol da vida, da liberdade e da justiça social.

A todos os amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão da pesquisa: Ângela Podkameni, Maria Euchares, Nivia, Jacques, Letícia, Luís Felipe, Marcelo Freixo, Eduardo e tantos outros. Ao longo do doutorado pude entender que só temos um patrimônio na vida: os amigos!

A direção do Presídio Feminino Talavera Bruce, em especial ao diretor Marcos Pinheiro.

E por fim: a todas as mulheres presas em todos os estabelecimentos prisionais. A vocês não cabem apenas agradecimentos, mas o pedido que Deus desça sobre cada uma: luzes de bênçãos!

RESUMO

Barreto, Neilza Alves; Vilhena, Júnia de. **No Ventre da Cadeia. Um estudo sobre os projetos futuros de mulheres encarceradas.** Rio de Janeiro, 2006. 194p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho tem com objetivo investigar a existência ou não de projetos futuros em mulheres encarceradas. Partindo do pressuposto de que as instituições totais têm como característica principal a dessubjetivação do sujeito, buscou-se analisar a fala de 154 presas em suas singularidades. A maternidade e a família apresentaram-se como o fio condutor na fala da grande maioria das entrevistadas. A religião surgiu como uma categoria importante no que tange a apropriação que as presas fazem desta para minimizar as mazelas do cotidiano carcerário e estabelecer uma convivência amistosa com as companheiras e com as agentes penitenciárias. O culto ao corpo aparece como uma outra categoria no cerne da experiência de encarceramento, uma vez que se transforma numa resistência a maciça institucionalização. Os projetos futuros são construídos a partir do valor dado a família, em especial a maternidade. A religião, em especial a evangélica, é apropriada como construção de “táticas” de sobrevivência dentro da prisão. O culto ao corpo serve como uma linha de fuga aos processos de serialização instituídos no cárcere feminino. Como conclusão apontamos a especificidade do encarceramento feminino: a maternidade. O encarceramento feminino atinge a sobrevivência dos filhos que, ante a enorme precariedade em que vivem, são destinados a abrigos do Estado ou enviados burocraticamente a familiares consangüíneos da presa. Assinalamos, neste estudo, a necessidade de construção de políticas públicas que se responsabilizem pelo bem estar de filhos e filhas de mulheres encarceradas.

Palavras-chave

Presidiárias; Projetos Futuros; Processo de Subjetivação.

ABSTRACT

Barreto, Neilza Alves; Vilhena, Júnia de. **The existence or not of future projects for incarcerated women.** Rio de Janeiro, 2006. 194p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The current work is intended to investigate the existence or not of future projects for incarcerated women. Starting from the assumption that the total institutions have as their main characteristic the de-subjectivation of the subject, we sought to analyze the talk of 154 convicts in the uniqueness. Motherhood and family were presented as the lead in the talk of the great majority of those that were interviewed. Religion appeared as an important category in regard to the appropriation that the convicts make of it to minimize the afflictions of the day to day in jail and to establish a friendly companionship with their fellow inmates as with the prison agents. The cult to the body appears as another category in the core of the incarceration experience, since it transforms into a resistant to the massive institutionalization. The future projects are built from the value given to family, motherhood in particular. The religion, particularly the evangelical, is appropriated as the construction of survival "tactics" inside the prison. The cult to the body appears as escape route to the serialization processes established in the feminine incarceration. As a conclusion we point out the specificity of the feminine incarceration: motherhood. The feminine incarceration hits the survival of the children who, in view of the huge precariousness in which they live, are destined to State shelters, or burocratically sent to blood relatives of the convict. We stress, in this study, the need for building public policies which become responsible for the well-being of the sons and daughters of incarcerated women.

Keywords

Incarcerated Women; Future Projects; Subjectivation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: PORQUE ESTAMOS CHEGANDO...	12
2 Capítulo I: POBREZA: O DELITO MAIOR!	21
2.1. A Dinâmica da Exclusão na Cidade do Rio de Janeiro	30
2.2. Os Desfiliados da Ordem Social	39
2.3. O Estado Penal	43
2.4. Desfiliados do Estado, Filhos da Família	46
2.5. Os Corpos Frios da Cidade	48
3 Capítulo II: MULHER É BANDIDA?	53
3.1. Iluminismo e Mulher	59
3.2. Regulação Física e Moral do Corpo Feminino	61
3.3. A mulher e o Judiciário	63
3.4. Mulheres e Processos Criminais	65
3.5. Mulher no Brasil	78
3.6. Mulher, Trabalho e Tráfico de Drogas	84
3.7. Mulher-Mãe	90
3.8. Com Mulher é Pior?	93
4 Capítulo III: PRISÃO DE MULHERES	97
4.1. NAE: Núcleo de Amparo à Família dos Encarcerados	98
4.2. Adentrando o Espaço Prisional	107
4.3. O que falta é “limite”?	110
4.4. Marcada pela pobreza, estava predestinada a ser criminosa?	114
5 Capítulo IV: E A SEDA AZUL DO PAPEL QUE ENVOLVE A MAÇÃ. O CAMPO REVISITADO.	128
5.1. O Cotidiano Prisional	132
5.1.1. O Presídio Feminino Romeiro Neto	133
5.1.2. O Presídio Feminino Nelson Hungria	134

5.1.3. O Presídio Feminino Talavera Bruce	140
5.2. Culto ao Corpo: Linha de Fuga	163
5.3. Família e Maternidade: Projetos Futuros	167
5.4. Religião: Tática de Sobrevivência	171
 6 CONCLUSÃO: A ESPERANÇA EQUILIBRISTA	 180
 7 BIBLIOGRAFIA	 188

A Cólera Esperança

Atiro-a contra as quinas erguidas desta madrugada,
contra estes edifícios enormes, parados
contra o cinza do céu sujo como o sabão que lava o piso dos botequins
ao fim da noite.

Atiro-a contra o cansaço do mundo,
contra o meu próprio e inenarrável cansaço,
atiro-me em nome da utopia que é minha, a tua, a nossa utopia.

Atiro-a com raiva, sem estratégia, sem prudência,
como hemorragia que se esvai e tinge a calçada
com esguicho do seu incêndio rubro.

Atiro-a para nadar, para nenhum resultado
do grito que precede o baque do corpo atropelado na rua,
atiro-me no ar do mar, na curva corrosiva do azul, à porta dos orfanatos e
prostíbulos,
atiro-a ao chão como bile sanguinolenta que escorre,
com quem cospe um dente arrancado por murro na boca.

Mas atiro-a, flecha turva, esperança e nojo, vida e cólera,
atiro-a com este punho fechado, com esta sede e esta fome,
atiro-a com a funda mais funda do meu sonho mais profundo,
atiro-a contra argentários e fundiários, opressores e ditadores,
atiro-a em meu nome e em nome dos que ainda não têm nome,
e em nome dos que em dores e cólicas acordam para o seu nome,
e ao rés-do-chão, em pleno pó, o desentranham.

(Helio Pellegrino)